



X Congresso Português de Sociologia
Na era da “pós-verdade”? Esfera pública, cidadania e qualidade da democracia no Portugal contemporâneo
Covilhã, 10 a 12 de julho de 2018

Secção/Área temática: ST Sociologia do Consumo

Entre o desejo de comunhão e o risco à preservação: a relação entre humanos e animais no turismo ecológico no Pantanal Mato-grossense

Abonizio, Juliana. Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Comunicação e Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea. Av. Fernando Corrêa da Costa, nº 2367, sala 38/FCA, Bairro Boa Esperança, 78060-900, Cuiabá, Brasil, aboniziojuliana@gmail.com

BAPTISTELLA, Eveline Teixeira. Universidade do Estado de Mato Grosso, Faculdade de Letras, Ciências e Tecnológicas, Curso de Jornalismo, Alto Araguaia, Brasil, evelineteixeira@unemat.br

Resumo

Resumo: Este trabalho tem como objetivo estudar as relações entre humanos e outros animais no turismo do Pantanal Mato-grossense a partir dos quadros teóricos da sociologia do cotidiano, dos estudos de consumo e dos estudos animais. A proposta é analisar os passeios turísticos com apelos ecológicos a fim de refletir sobre o que as ações dos consumidores turistas e suas relações com os animais do lugar nos dizem sobre a visão de mundo que as fundamenta. A partir da metodologia da sociologia do cotidiano e de entrevistas semi-estruturadas buscamos compreender como ocorre o comércio daquilo que se entende como “consumo de experiências”, no qual o principal objeto de interesse, o animal silvestre, pode simplesmente não aparecer. Consideramos que, apesar da promessa de uma experiência única, de comunhão com a natureza, muitas vezes, tais pacotes servem muito mais aos interesses humanos, não cumprindo a promessa ecológica de não interferência na vida silvestre.

Palavras chave: Consumo de experiência; turismo ecológico; relações humano/animais; sociologia do cotidiano.

Abstract

This work aims to study the relationships between humans and other animals in the Pantanal of Mato Grosso tourism from the theoretical frameworks of sociology of daily life, consumer studies and animal studies. The proposal is to analyze the tours with ecological appeals in order to reflect about the actions of the tourists and what their relations with the animals of the place tell us about the worldview that underlies them. Based on the methodology of everyday sociology and semi-structured interviews, we seek to understand how trade occurs in what is understood as "experience consumption", in which the main object of interest, the wild animal, may simply not show itself. We believe that, despite the promise of a unique experience of communion with nature, such packages often serve much more to human interests, failing to deliver on the ecological promise of non-interference in wildlife.

Keywords: Experience consumption; eco tourism; human / animal relations; sociology of daily life.

XAPS-37964

Introdução

Longe de ser uma condição cristalizada e inequívoca, a separação entre humanos e o restante dos animais no Ocidente, a partir de critérios como fala, beleza, inteligência e até mesmo alma (Thomas, 2010) é uma assunção controversa e questionável, inclusive com Darwin que, em “A origem das espécies”, colocou os animais humanos na desconfortável posição de apenas mais um elemento entre tantos outros na jornada evolutiva da vida no planeta Terra.

Nos dias atuais, dentro de uma sociedade em que o conhecimento produzido a partir do método científico ainda é mais valorizado que outros saberes (Baptistella & Abonizio, 2016), estudos de neurociência (Hare & Woods, 2013; Berns, 2013) e de etologia cognitiva (Bekoff, 2010; King, 2014) buscam demonstrar o que sempre foi perceptível no cotidiano (Thomas, 2010; Baptistella, 2018): que os animais não humanos têm consciência, subjetividade e inteligência.

Entretanto, a dominação do homem sobre o restante das espécies só encontra espaço para negação nos momentos em que grandes catástrofes naturais parecem devolver à natureza o *status* de senhora do planeta. Os graves problemas ecológicos provocados pela ação antrópica, como o aquecimento global (Lovelock, 2010) e a acidificação dos oceanos (Kolbert, 2015) demonstram que neste quesito os humanos detêm praticamente total supremacia sobre o restante dos animais, sendo estes os que mais sofrem neste cenário, visto as altas taxas de extinção de espécies no último século.

Os cientistas estimam que, se a conversão dos habitats naturais e outras atividades humanas destrutivas prosseguirem no ritmo atual, metade das espécies de plantas e animais Terra pode desaparecer ou, pelo menos, estará fadada à extinção precoce até o final deste século. Nada menos do que um quarto das espécies chegará a esse nível durante o próximo meio século, só como resultado das mudanças climáticas. (Wilson, 2006, pp. 6-7)

Esta dominação é denunciada pelo movimento de proteção animal contemporâneo a partir de diversas abordagens, tendo como destaques as correntes abolicionista e utilitarista. Esta tem com seu principal expoente Peter Singer e defende a uso de animais por seres humanos desde que o sofrimento imposto às outras espécies seja o menos possível e o resultado final trazer benefícios para uma quantidade maior de animais humanos ou não humanos (Singer, 2010, p.3). Já os abolicionistas, representados por

Gary Francione (2013), não admitem a imposição de sofrimento aos animais não humanos e se opõem à propriedade e à exploração deles..

Entre as formas de exploração apontadas como causadoras de grande sofrimento aos animais não humanos estão a pecuária de larga escala, a utilização de cobaias em variados testes de produtos e ainda o uso do animal como forma de entretenimento. É neste último aspecto que nos concentramos neste texto, mais especificamente nos animais como o principal alvo de interesse do turismo ecológico no Pantanal de Mato Grosso, no Brasil.

De que maneiras se dão as relações dos seres humanos com os demais animais neste contexto e o que elas nos dizem sobre a posição dos animais na sociedade contemporânea e suas condições de vida num contexto em que estariam, teoricamente, protegidos? A partir de um aporte teórico interdisciplinar, buscamos aqui refletir sobre a transformação do animal não humano em produto a ser consumido a partir de uma promessa de integração com a natureza e baixo impacto sobre o meio ambiente e as condições de vida das espécies a partir dos passeios turísticos realizados no entorno da cidade de Poconé, um dos principais pólos turísticos da região do Pantanal Norte.

Enquadramento teórico

Este trabalho se define por um enquadramento teórico marcadamente interdisciplinar, uma vez que entendemos que o estudo das relações entre espécies na sociedade contemporânea engloba diversos aspectos e se beneficiam do aporte de diferentes áreas do conhecimento para a interpretação dos dados obtidos em campo. Assim, esta pesquisa se afilia a linha de estudos animais, que, segundo Baptistella (2019) é:

Uma linha que é interdisciplinar por natureza e envolve, entre outros, ramos como etologia cognitiva, neurociência, psicologia, veterinária, sociologia, antropologia, direito, economia, geografia. Não se trata, como muitos acreditam, de uma corrente teórica que envolve apenas os direitos dos animais não-humanos. Este é, na verdade, somente um dos braços dos estudos animais. Assim como os animais não são únicos, nossas visões sobre eles também são diversas. Os estudos animais são a união desses diferentes olhares, em uma tentativa de compreender o mundo com uma perspectiva que inclui milhões de criaturas com as quais construímos ou implodimos – percebendo ou não – pontes todos os dias. (BAPTISTELLA, 2019, p. 64).

Assim, adotamos as teorias de Bekoff (2010) e Waldau (2013). Vale ressaltar também que consideramos que “todos os animais são conscientes da dor, tem mentes e são capazes de atividade cognitiva” (Francione, 2013, p.41), e, ainda, a partir da Declaração de Cambridge sobre a Consciência de Animais Humanos e Não Humanos (2012) assumimos que os animais não humanos são dotados de consciência, rejeitando o termo senciência como uma forma de especismo já que se trata de um nome criado apenas para diferenciar os estados emocionais e cognitivos de animais humanos e não humanos (Baptistella, 2019, p. 141).

Dentre as correntes da sociologia, aportamo-nos marcadamente na sociologia do turismo e do consumo, vislumbrando imbricações entre ambas, uma vez que o turismo se constitui hoje como uma instância social guiada pelas normas de mercado e que o consumo é considerado, por muitos autores, entre eles Bauman (2008) e Bordieu (1996), como objeto privilegiado para entender a cultura contemporânea.

Como um dos ramos da Sociologia Geral, a Sociologia do Turismo procura estudar o comportamento do ser humano durante as viagens, as relações com as comunidades receptoras e os impactos sociais provocados por essa atividade. Com esse sentido, dedica-se a estudar o turismo em seus aspectos sociais e sua relação com a sociedade mais geral. (Dias, 2008, pp. 11-12).

Entretanto, nota-se que só muito recentemente o olhar da sociologia se voltou para o estudo das relações entre espécies, questionando sua própria base fundadora, que é antropocêntrica e por muitas vezes especista. Daí, a importância de ampliar o referencial teórico até autores de outras áreas do conhecimento que se dedicam ao tema, lembrando que o turismo é um espaço cultural rico em trocas simbólicas.

Do ponto de vista sociológico, o fenômeno turístico desperta interesse por vários motivos: causa forte impacto nos indivíduos e grupos familiares que se deslocam, provoca mudanças no comportamento das pessoas e agrega conhecimento àqueles que o praticam, permite comparação entre diversas culturas, contribui para o fortalecimento da identidade grupal, é um meio de difusão de novas práticas sociais e aumenta as perspectivas de obtenção da paz pela compreensão e aceitação das diferenças culturais. (Dias, 2008, p. 11)

O surgimento de novas sensibilidades em relação aos animais não humanos constitui um movimento social heterogêneo e de grande alcance e visibilidade na contemporaneidade. Dessa forma, é natural que as ciências sociais também passem a se ocupar dessas relações como objeto de estudo. Por ser justamente nas rotinas e gestos da vida vivida que se dão as relações entre humanos e demais animais e por ser também o consumo uma ação cotidiana nos valemos principalmente da sociologia da vida cotidiana, a partir do trabalho de Pais (2006), para quem as ações banais e corriqueiras são, na verdade, plenas de significações que permitem refletir sobre a vida em sociedade em sua amplitude de aspectos e tendências.

Metodologia

A proposta de deambulação sociológica de Pais (2002) contribuiu como referencial teórico, mas também como suporte metodológico aplicado para a construção interativa e situacionista de dados para análise de uma dezena de passeios turísticos realizados na região de Poconé, um dos polos turísticos do Pantanal de Mato Grosso.

Pais (2002) defende que o pesquisador de ciências sociais adote uma postura de investigador e busque construir suas reflexões a partir dos vestígios. O pesquisador deve manter a postura de estranhar aquilo que já é considerado comum e banal, conservando a “(...) capacidade de *flâneur*, de passeante “ocioso”, daquele que passeia entre a multidão, misturando-se nela, vagueando ao acaso, sem destino aparente, no fluxo e refluxo das massas de gente e acontecimentos (Pais, 2002, p. 41).

Realizamos assim um estudo qualitativo a partir da observação das interações entre turistas e a animais durante diferentes tipos de atividades turísticas, entre elas, caminhadas em trilhas, safaris fotográficos e passeios de barco. O modo de fazer da sociologia cotidiana foi entrecruzado com ferramentas etnográficas ampliando o espectro de observação em campo.

Conforme Magnani (2009, p. 135):

A etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente. (Magnani, 2009, p.135).

Desta forma, valorizamos um olhar focado não apenas no humano, em que as diversas formas de vida e seus encontros são objeto de estudo. Assim, percebemos que as relações entre humanos e demais animais são também relações sociais passíveis de serem desvendadas pelo fazer sociológico e cujo estudo contribui para compreensão da vida social mais ampla.

Empiricamente, realizamos dez estadas na posição de turista-pesquisador nas temporadas de seca e cheia do Pantanal Mato-grossense, sendo dois safáris fotográficos na rodovia transpantaneira, seis passeios fluviais em diversos rios da região e duas caminhadas em trilhas contemplativas. Em cada um desses passeios, a média de turistas era de seis a dez pessoas, sendo os grupos formados tanto por estrangeiros quanto brasileiros, com menor presença de mato-grossenses entre aqueles que são residentes do Brasil.

Os passeios fluviais e os safaris fotográficos ocorreram tanto na seca quanto na cheia. Já as caminhadas foram realizadas apenas na seca, pois durante a época de alagamentos as trilhas ficavam intransitáveis.

Resultados

No Pantanal, o turismo de contemplação de animais também provoca alterações na rotina dos bichos que se não podem ser consideradas maus tratos, também não podem ser vistas como inofensivas.

Ao analisar a interação entre humanos e animais enquanto uma relação social, salientando que por limitações lingüísticas, observamos as espécies envolvidas, mas entrevistamos tão somente humanos na condição de guia e turistas, foi possível constatar que no turismo, é reproduzida a hierarquia antropocêntrica tal como é em outros setores do consumo. Que a relação entre espécies é hierárquica a favor do humano não se é novidade, por exemplo, em se tratando da cadeia produtiva e do consumo. Não obstante, o setor analisado, o turismo de apelo ecológico em locais considerados santuários naturais dramatiza a relação interespecie marcada pela desigualdade.

Como exemplos da assimetria da relação, ainda que justificada por curiosidade exótica fantasiada de amor e respeito à natureza, citaremos algumas interações específicas que pudemos observar e como a ação humana interfere no saber-fazer dos

animais que se encontram permanentemente, pois os turistas são os humanos, visitas não convidadas nos habitats das espécies alheias.

O biguá-tingua, por exemplo, é uma ave pescadora, que busca seu alimento em longos mergulhos, no entanto suas penas não são impermeáveis, com isso, precisam se secar ao sol após cada pescaria (Antas, 2009, p. 48). Conforme alguns guias destacaram durante determinados passeios, na temporada de chuva este trabalho é difícil e demorado, uma vez que o clima é de pouco sol e úmido. A cada aproximação de humano, os biguatings que estão secando suas penas se atiram na água, em busca de segurança. Uma vez molhados precisam retornar à terra para se secarem, o que aumenta seu gasto energético e atrapalha sua busca de alimento. Mesmo assim, os turistas não se furtam de chegar perto da ave para conseguir um melhor registro fotográfico ou apenas observá-la bem de perto.

Da mesma forma, os safáris fotográficos noturnos feitos com lanternas do tipo holofote perturbam animais que desenvolvem atividades essenciais para a manutenção da sua vida, geralmente a caça. O barulho dos caminhões adaptados para observação de animais corta o vazio da noite, num ruído que, conforme ouvimos de turistas, incomoda até mesmo os humanos – ou seja, com potencial para espantar presas.

Mesmo os jacarés e capivaras que descansam ao sol muitas vezes se veem obrigados a abandonar o lugar em que estão diante da extrema proximidade dos humanos. Também encontramos animais atropelados, não em grande número, mas o suficiente para colocar em xeque a visão de santuário ecológico.

Hoje, a observação de onças se tornou um dos principais negócios em Porto Jofre, localidade de Poconé que fim no fim da estrada Transpantaneira. Na atividade de observação embarcada de onças, algumas vezes chegam a se acumular 30 barcos nas margens em que os felinos são localizados. Muitas das atividades que os animais desenvolveriam comumente, como as relações sexuais, a caça e o *grooming*, agora são feitas diante de câmeras e olhares emocionados, que buscam registrar cada momento do encontro com o grande felino. Segundo Tortato et ali (2017), um turista pode chegar a gastar US\$ 450 por dia para observar os grandes felinos.

No entanto, os proprietários de empreendimentos, por meio de entrevistas, cometaram que a habituação de onças no Pantanal norte começou no início do século, com a ceva, que consiste em ofertar alimentos para estes animais até que eles se habituem aos humanos. A internet, inclusive, tem inúmeros vídeos de pessoas oferecendo peixes para onças. Tal atividade, porém, coloca os animais em situação de

fragilidade, especialmente porque podem ser alvo de caçadores embarcados, contra os quais já aprenderam a não esboçar defesa e também porque a prática pode incitar ataques, já que os felinos associam os humanos à oferta de alimento fácil.

Assim, os turistas manifestam continuamente que buscam no Pantanal uma conexão com a natureza ainda preservada, entoam discursos sobre a necessidade de se manter aquele “paraíso” intocado, mas ao mesmo tempo contribuem com práticas que podem ser consideradas disruptivas dentro da rotina estabelecida pelos bichos.

Quando tais contradições são evidenciadas, no entanto, a comodificação do animal é acionada. Guias e demais trabalhadores do ramo turístico ressaltam que a única maneira de garantir a vida e a segurança destes animais é justamente pela atividade turística. A atividade de observação das espécies pantaneiras gera renda para a comunidade local, de forma que os conflitos são tolerados. Assim, a perda de gado por ataques de onça é minimizada diante do lucro obtido no turismo. O mesmo vale para outras espécies.

A Tachã, por exemplo, é conhecida como sentinela do Pantanal por seu hábito de gritar para avisar aos outros animais da presença de intrusos (Antas, p.65). Conforme os guias explicavam, a ave quase foi extinta pois incomodava tanto peões quanto caçadores. No caso destes, espantava a caça, no daquele atrapalhava a recaptura de bois fugidos. No entanto, com o fortalecimento do turismo, as populações da ave se reestabeleceram pois a mudança na matriz econômica valorizou a manutenção delas vivas.

Conclusões

O Pantanal é a maior planície alagável do mundo, um complexo de 160 mil km² que alcança os estados de Mato Grosso, Mato Grosso do sul e parte da Bolívia, dos quais 130 mil km² ficam inundados durante os meses de verão e que contém uma das faunas e floras mais exuberantes da Terra. (Mitsch;Gosselink, 2015, p.76).

Neste bioma, a variedade de animais é tão grande que muitos ainda não foram sequer catalogados e talvez nunca o sejam, levando em conta o cenário de pressão ambiental em que se encontram. No entanto, alguns deles vivem num estrelato involuntário e permanente, alçados ao posto de espécies que funcionam como chamarizes de turistas de diversas partes do mundo: onças-pintadas, tamanduás-bandeira, araras azuis e

tuiuiús são alguns destes garotos-propaganda. Suas imagens alimentam a indústria do turismo ecológico ou, simplesmente, ecoturismo.

O termo Ecoturismo foi introduzido no Brasil no final dos anos 80, seguindo a tendência mundial de valorização do meio ambiente. [...] Ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações (BRASIL, 2008, p.16).

Este modelo baseia-se numa proposta de convivência harmônica entre homem e natureza e no conceito de uso sustentável dos recursos ecológicos (Wearing & Neil, 2014). A exploração da natureza dar-se-ia, então, sem danos ou com o mínimo impacto ao meio ambiente propiciando a integração entre espécies. Este modelo é fortemente apoiado pela promessa de proximidade ou até mesmo contato com espécimes silvestres, uma possibilidade que exerce fascínio entre muitas pessoas. Os fatores que impulsionam este interesse vão desde sensibilidades individuais até critérios como beleza, raridade ou exotismo do bicho a ser encontrado numa viagem turística.

No entanto, Dias (2008) afirma que a visão de que o turismo seria uma indústria não poluente:

Foi superada radicalmente pela perspectiva de que é uma atividade que de ser monitorada constantemente, pois é altamente consumidora dos recursos naturais, deles dependendo cada vez mais, à medida que cresce a consciências ambiental das diferentes populações, que passam a incorporar o meio ambiente saudável como um dos componentes fundamentais de melhor qualidade de vida. (p.60).

Da mesma forma, o ecoturismo não deixa de provocar impactos e afetar os modos de vida dos animais não humanos que são objeto de contemplação nestes pacotes. Entre os riscos às outras espécies, Dias (2008, p. 63) aponta a transmissão de doenças humanas à gorilas na África e o desencadeamento de problemas comportamentais em pinguins da Antártida.

Através da pesquisa realizada no Pantanal, confirmamos essa tendência, havendo ainda muito que se questionar sobre o possível impacto sobre os animais não humanos. Para Bekoff (2010, p. 45), a relação entre animais humanos e não humanos ainda é marcada pela assimetria, com os interesses humanos sempre prevalecendo sobre os demais. Mesmo e apesar do desejo de integração, do ativismo ecológico, do

crescimento das campanhas pelos direitos animais, concluímos que a hierarquia humana é mantida, como vemos nos caso dessa pesquisa, no lazer ecologicamente motivado, o que deveria ser sintomaticamente diferente do lazer embasado na prática abusiva em relação aos animais, como mais freqüentemente são considerados a caça e pesca esportivas. Dito de outro modo, apesar da publicidade protecionista e do desejo de integração com outras espécies e com uma natureza imaginada, a prática turística no pantanal mato-grossense funda-se em relações interespecíficas nas quais se reproduz a assimetria em favor da espécie humana. Desta forma, o bem estar dos animais é desejado mas relativizado, sendo que o possível incômodo causado pela intervenção humana no cotidiano dos bichos não é levado em consideração, já que representa o “menor dos males”, uma vez que ser alvo de admiração turística oferece um status de proteção.

Nota

Por decisão pessoal, os/as autores/as do texto escrevem segundo o novo acordo ortográfico

Referências:

- Antas, Paulo. (2009). *Pantanal – Guia de aves*. Rio de Janeiro: Sesc.
- Baptistella, E.T. (2019). *Animais e fronteiras: um estudo sobre as relações entre animais humanos e não humanos*. Curitiba: Appris.
- Baptistella, E. T. & Abonizio, Juliana. (2016). *Entre espécies e ciências: uma reflexão sobre a utilização de argumentos científicos para legitimação da causa animal*. Interthesis, 13 (2), 76 – 115.
- Bauman, Z. (2008) *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bekoff, Mark. (2010). *A vida emocional dos animais: alegria, tristeza e empatia nos animais: um estudo científico capaz de transformar a maneira como os vemos e tratamos*. São Paulo: Cultrix.

- Berns, Gregory. (2013). *How dogs love us: a neuroscientist and his adopted dog decode the canine brain*. Seattle: Lake Union.
- Bourdieu, P. (1996). *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus.
- Dias, Reinaldo. (2008). *Sociologia do turismo*. São Paulo: Atlas.
- Ecoturismo: orientações básicas*. (2008) Brasília: Ministério do Turismo. Brasil.
- Francione, G. (2013). *Introdução aos direitos animais*. Campinas: Unicamp.
- Hare, Brian & Woods, Vanessa. (2013). *Seu cachorro é um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- King, Barbara. 2014. *O que sentem os animais?* Rio de Janeiro: Odisseia.
- Kolbert, Elizabeth. (2015). *A sexta extinção: uma história não natural*. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Lovelock, James. (2010). *Gaia: alerta final*. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Magnani, J.G. (2009) *Etnografia como prática e experiência*. Horizontes Antropológicos, 15 (32), 129 – 156.
- Mitsch, William J. & Gosselink, James G. (2015) *Wetlands*. New Jersey: John Wiley & Sons.
- Pais, José Machado. (2006) *Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas*. Lisboa: Ambar.
- Pais, José Machado. (2002) *Sociologia da vida cotidiana. Teorias, métodos e estudos de caso*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Singer, P. (2010). *Libertação animal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Thomas, K. (2010). *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. São Paulo: Companhia das Letras.

Tortato, F.R. et al. (2017). *The numbers of the beast: valuation of jaguar (Panthera onca) tourism and cattles depredation in the Brazilian Pantanal*. *Global ecology and conservation*, 11(1), 106 – 114.

Unisinos. Declaração de Cambridge sobre a Consciência de Animais Humanos e Não Humanos. (2012). Acessado em <http://www.ihu.unisinos.br/172-noticias/noticias-2012/511936-declaracao-de-cambridge-sobre-a-consciencia-em-animais-humanos-e-nao-humanos>.

Wilson, E. (2006). *A criação: como salvar a vida na Terra*. São Paulo: Companhia das Letras.

Waldau, P. (2013). *Animal Studies: an introduction*. Nova York: Oxford University Press.

Wearing, Stephen & Neil, John. (2014). *Ecoturismo: impactos, potencialidades e possibilidades*. São Paulo: Manole.